



O JORNALISMO AMBIENTAL NA CONCEPÇÃO DE QUEM O FAZ: ESTUDO COM JORNALISTAS DA AMÉRICA LATINA, CARIBE, PORTUGAL, ESPANHA E PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Environmental Journalism in the conception of who does it: study with journalists from Latin America, the Caribbean, Portugal, Spain and Portuguese-speaking African countries

El periodismo ambiental en el perspectiva de quien hace: estudio con periodistas de América Latina, el Caribe, Portugal, España y los países africanos de lengua portuguesa

Ilza Maria Tourinho Girardi¹

Eloisa Beling Loose²

Jamille Almeida da Silva^{3, 4}

¹ Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Durante o doutorado realizou estudos na Universidade Autônoma de Barcelona. Atualmente é professora titular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É líder do grupo de pesquisa em Jornalismo Ambiental e na pós-graduação orienta mestrados e doutorandos que desenvolvem suas investigações conectadas com a temática do grupo de pesquisa. E-mail: ilza.girardi@ufrgs.br.

² Graduação em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestrado em Comunicação e Informação pela UFRGS e doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Realizou estágio doutoral, com financiamento da Capes, na Universidade do Minho. Recebeu o Prêmio Capes 2017 pela melhor tese na área de Ciências Ambientais. E-mail: eloisa.beling@gmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Relações Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também está cursando a graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atuou como bolsista de iniciação científica na mesma Universidade. É integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS). E-mail: jamille.almeida@ufrgs.br.

RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada com jornalistas que se dedicam à cobertura de meio ambiente, em veículos de comunicação, assessorias de imprensa ou no ensino, na América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países africanos de língua portuguesa a fim de verificar como esses profissionais compreendem a noção de Jornalismo Ambiental (JA). Metodologicamente, partimos de um mapeamento de quem seriam os jornalistas que poderiam contribuir com a pesquisa para, então, aplicarmos questionários com perguntas abertas que envolvem o entendimento dos desafios desta prática. A abordagem é qualitativa e baseia-se ainda em pesquisa bibliográfica e tem caráter descritivo. Dentre os resultados, observamos que muitos jornalistas trabalham em consonância com os aportes teóricos da área, comprometendo-se com a pauta ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Ambiental; Prática jornalística; Jornalistas.

ABSTRACT

This article is the result of research carried out with journalists who work in the field of environmental, in communication vehicles, press services or in the teaching area, in Latin America, the Caribbean, Portugal, Spain and Portuguese-speaking African countries in order to verify how these professionals understand the notion of Environmental Journalism (EJ). Methodologically, we start with a mapping of who would be the journalists who could contribute to the research and then apply questionnaires with open questions that involve the understanding of the challenges of this practice. The approach is qualitative and is based on bibliographic research and had descriptive character. Among the results, it is observed that many journalists work in consonance with the theoretical contributions of the area, committing themselves to the environmental agenda.

KEYWORDS: Environmental Journalism; Journalistic practice; Journalists.

⁴ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Rua Ramiro Barcelos, 2705, Santana, CEP: 90085-007 - Porto Alegre, RS – Brasil.



RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación con periodistas que se dedican a la cobertura del medio ambiente, en vehículos de comunicación, asesorías de prensa o en el área de enseñanza, en América Latina, el Caribe, Portugal, España y los países africanos de lengua portuguesa con el fin de ver cómo estos profesionales comprenden la noción de Periodismo Ambiental (PA). Metodológicamente, se parte de una cartografía de quiénes serían los periodistas que podrían contribuir con la investigación para entonces aplicar cuestionarios con preguntas abiertas que involucra el entendimiento de los desafíos de esta práctica. El enfoque es cualitativo, se basa en la investigación bibliográfica y tiene carácter descriptivo. Entre los resultados, observamos que muchos periodistas trabajan en consonancia con los aportes teóricos del área, comprometiéndose con la pauta ambiental.

PALABRAS CLAVE: Periodismo Ambiental; Práctica periodística; Periodistas.

Recebido em: 22.03.2018. Aceito em: 20.04.2018. Publicado em: 23.04.2018.

Introdução

A pesquisa denominada "O Jornalismo Ambiental na concepção dos jornalistas que fazem a cobertura de meio ambiente na América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países africanos de língua portuguesa⁵", desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental, surgiu de indagações a respeito de como os pressupostos para se realizar uma cobertura jornalística sobre meio ambiente qualificada, discutidos desde 2008, eram percebidos na prática jornalística. Estudos brasileiros a partir dos produtos (jornais, revistas, sites, programas radiofônicos e televisivos) que se debruçam sobre a temática ambiental já assinalavam para as lacunas existentes na compreensão daquilo que entendemos como Jornalismo Ambiental⁶

⁵ Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial.

⁶ O termo "ambiental" contempla todas as dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais decorrentes da relação sociedade-natureza, não sendo necessário, portanto, o uso da palavra socioambiental, já que a questão social

(doravante JA), contudo, mesmo que se soubéssemos das dificuldades existentes para produção por parte dos jornalistas, ainda não tínhamos uma investigação centrada nos sujeitos que participam das várias etapas da produção de notícias.

Esta pesquisa parte da compreensão dos jornalistas que trabalham com os temas ambientais nos veículos de comunicação, nas assessorias de imprensa ou no ensino de JA na América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países africanos de língua portuguesa. O número extenso de países envolvidos busca checar se há diferenças entre as culturas e uma distinção sobre a noção em países de língua portuguesa e espanhola. Além disso, destacamos que são poucos os jornalistas que se reconhecem como jornalistas especializados em meio ambiente e que se sentem aptos a responder a pesquisa, o que nos fez ampliar a abrangência

está implícita no nosso entendimento de meio ambiente.

geográfica da pesquisa em busca de mais respondentes.

O estudo busca contribuir com a discussão do JA a partir do cruzamento entre teoria e prática. Até que ponto nossas reflexões também estão nas redações? Os jornalistas que cobrem meio ambiente reconhecem um fazer diferente do jornalismo generalista? Se sim, de que modo?

1. Jornalismo Ambiental e Jornalismo de Meio Ambiente

Os estudos de Jornalismo Ambiental surgem a partir do Jornalismo Científico, primeiramente como uma especialização, consolidando-se no último quarto do século XX (BELMONTE, 2017). Os estudos acadêmicos na área avançam na medida em que os problemas ambientais emergem nos anos 1960, junto com a ideia de crise ambiental, crescendo de forma gradativa e ainda pontual até a década de 1990. É a partir de um aumento da cobertura sobre os fenômenos ambientais, que a discussão

sobre seus reflexos na sociedade ganha força.

No Brasil, desde os anos 1960 já são encontradas reportagens voltadas para o meio ambiente, porém ainda não há um reconhecimento de uma especialização jornalística, sendo as pautas ambientais tratadas sob a ótica do Jornalismo Científico. Segundo Belmonte (2017:113-114):

[...] uma separação entre o científico e o ambiental começou a ser delineada no Brasil com a realização do Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), entre 27 e 30 de novembro de 1989.

Desse modo, podemos afirmar que os avanços na área ocorreram também por conta dos rumos político-econômicos da época e da visibilidade dos próprios movimentos sociais. Recordamos que em 1992 o Brasil sediou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, um marco para discussão do tema.

Liana John (1990: 23) sublinha que os jornalistas ambientais acabam auxiliando na formação de cidadãos “ambientalmente educados” e que a tarefa “de informar educando” encontra paralelo com o Jornalismo Científico, embora, em alguma medida o extrapole em razão de sua “vertente ativista”. Aliás, esta característica também se faz presente nas definições de Bueno (2007), Frome (2008) e [ANONIMO] et al. (2012), não podendo ser confundido com a ideia de uma jornalismo enviesado. Esse ativismo está associado a um compromisso com a sustentabilidade do lugar onde todos vivemos, ou seja, com um bem comum, coletivo. A objetividade jornalística não deve ser desculpa para se abster aos fatos. “O bom jornalismo exige que o jornalista seja minucioso, atento aos detalhes, honesto e disposto a defender seu trabalho” (FROME, 2008:26).

E por que o comprometimento com as pautas ambientais é algo tão repetido quando tratamos de JA? Porque os jornalistas que são conscientes de onde vivemos e dos problemas que ainda

enfrentaremos, enquanto humanidade, no futuro, se continuarmos nesse ritmo, acreditam que o papel social do jornalismo não pode ignorar essa situação, que é de interesse público. John (1990:94) pontua:

E é na sobrevivência destes jornalistas meio ambientais, meio missionários (ou quixotescos [...]), que resiste a ideia de transformar uma sociedade alheia ao próprio impacto ambiental, em uma parte consciente da sua indissociabilidade do todo ou numa sociedade provida de Cidadania Ambiental. Assim, com maiúsculas mesmo.

Baccheta (2000) também relaciona o JA com a ideia de uma cidadania global denominada por ele de planetária. De acordo com o autor, o jornalismo deve buscar desenvolver a capacidade de mobilização, de participação das pessoas frente aos processos decisórios que envolvem nossa forma de vida.

Além dessas singularidades, Loose e Girardi (2017) sistematizaram outros pressupostos que abarcam esta perspectiva de jornalismo, que observa e relata os fatos ambientais sob múltiplos olhares e de forma complexa, refutando a

simplificação e fragmentação do conhecimento. A partir dos estudos do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPQ/UFRGS), a noção de JA requer: 1) Ênfase na contextualização na tentativa de expor as relações entre causas e consequências, assim como das articulações dos diferentes campos sociais; 2) Pluralidade de vozes com o intuito de romper com a lógica de construção baseada no pensamento único e dar visibilidade a um verdadeiro diálogo de saberes; 3) Assimilação do saber ambiental, que envolve de uma nova abordagem para a prática jornalística. Leff (2001) aponta que o saber ambiental é um contraponto à homogeneidade e à racionalidade dominante, presentes no jornalismo hoje; 4) Cobertura sistêmica e próxima à realidade do leitor – além de ser frequente, a produção jornalística ambiental deve permitir que as pessoas se sintam pertencentes a esse problema a fim de tomar atitudes que modifiquem o contexto; 5) Comprometimento com a qualificação da informação, ou seja,

preocupação em construir notícias que desvelem as conexões entre economia, política, cultura, ambiente, etc., que nem sempre são visíveis, e indiquem soluções, saídas; e 6) Responsabilidade com a mudança de pensamento – o JA tem como missão colaborar para transformar o pensamento diante das injustiças e desigualdades ambientais que nos cercam.

Diante de tais particularidades, nomeamos, por oposição a esta abordagem, que segue em revisão, o Jornalismo de Meio Ambiente (ou sobre Meio Ambiente) aquele que geralmente encontramos na cobertura diária e que torna superficial a discussão ambiental. Girardi, Loose e Camana, (2015) destacam que o próprio entendimento de meio ambiente é reduzido aos recursos naturais ou a aspectos mais restritos, separando as questões sociais da pauta ambiental e negando suas vinculações com os aspectos mais amplos da vida dos cidadãos. Esta concepção não demonstra o mesmo comprometimento do Jornalismo Ambiental e também não se

preocupa com a variedade de vozes que aparecerá na notícia ou reportagem. É um jornalismo que segue os preceitos jornalísticos fundados no Positivismo, que foram intensificados com a modernização das redações, padronizando e fragmentando a informação jornalística. Sob esta ótica, respeita-se o equilíbrio informativo, dando o mesmo espaço para as diferentes perspectivas envolvidas, e a suposta objetividade jornalística, ainda que o tema envolva, sobretudo, prejuízos para os cidadãos.

2. Metodologia da pesquisa

A investigação, iniciada em 2014 e em fase de finalização, foi desenvolvida em etapas por conta da multiplicidade de dados e dos vários objetivos traçados: 1) verificar se os jornalistas que atuam na produção jornalística distinguem JA de jornalismo sobre meio ambiente (conceitos discutidos a seguir); 2) apontar os desafios enfrentados para a prática do JA sob o ponto de vista dos profissionais; 3) identificar quais são os espaços nesses diferentes países para a prática do JA; 4)

entender qual é o papel que os profissionais atribuem às universidades na formação sobre JA; e 5) checar se há diferença na atuação do JA nos diferentes países estudados.

Para atingir tais objetivos, foi necessário primeiro identificar quem seriam os respondentes da pesquisa. Para isso, foi preciso realizar um mapeamento dos veículos e demais instituições atreladas ao jornalismo que pudessem ter envolvimento com a questão ambiental. Esta etapa foi longa e de difícil realização, pois muitas redações não possuem editoria específica de meio ambiente ou seção periódica que aborde o tema, sendo jornalistas generalistas aqueles que, eventualmente, cobrem essas pautas. Mesmo nas instituições de ensino e em assessorias de imprensa, o número de jornalistas que atuam sistematicamente neste tema é muito reduzido. Recorremos à Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais (RBJA), à Red de Comunicación Ambiental de América Latina y el Caribe (Redcalc), Asociación de Periodistas de Información Ambiental

(APIA) e contatos específicos em Moçambique e Portugal, mas tivemos um número de retornos abaixo do esperado. Por isso, outras tentativas foram feitas com convites individuais para aqueles jornalistas que se enquadram no perfil da nossa amostra. Até o final da redação deste artigo não havíamos recebido informações de países africanos, além de Moçambique.

Na etapa seguinte, enviamos um questionário eletrônico, com perguntas associadas aos questionamentos da pesquisa e classificamos as respostas discursivas em categorias, a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2014). O questionário possuía uma área para inserir dados de identificação, esclarecimentos sobre as questões éticas com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e dez perguntas abertas. Ressaltamos que a pesquisa encontrou na aplicação dos questionários sua maior dificuldade. Muitos e-mails retornaram, acusando endereços inexistentes, ou ainda as pessoas contatas não se

disponibilizaram a responder o questionário, por diferentes razões.

A metodologia empregada envolve pesquisa bibliográfica e estudo descritivo com abordagem qualitativa, sendo o envio de questionários online o instrumento adotado para coleta de dados. As respostas foram analisadas por etapas e por países, de modo a checar semelhanças e divergências nas respostas.

3. As concepções dos jornalistas ambientais investigados

Após envio dos questionários, recebemos respostas de jornalistas que trabalham com meio ambiente do Brasil da América Latina, Caribe, Espanha e Moçambique. Não tivemos retorno de nenhum jornalista de Portugal. A figura abaixo mostra o retorno dos respondentes em relação aos países:

Argentina	1
Brasil	41
Colômbia	2
Cuba	1

El Salvador	1
Equador	1
Espanha	5
Guatemala	1
México	1
Moçambique	3
Uruguai	2
Venezuela	1
Total	60

Fonte: [ANONIMO]

Registramos que dentre os respondentes brasileiros houve maior concentração das Regiões Sul (34,15%) e Sudeste (34,15%), ficando as regiões Centro-Oeste (17,07%), Norte (7,32%) e Nordeste (7,32%) com menor representatividade. Em relação aos perfis dos jornalistas de todos os países que participaram da pesquisa, 68,33% afirmaram ser repórteres, 16,66% disseram trabalhar como assessores de imprensa e 11,66% como docentes de jornalismo ambiental. Dois respondentes não informaram sua atuação, o que representa os 3,35% restantes.

A primeira pergunta do questionário se referia às concepções que cada um dos respondentes tinha sobre JA. Mais da metade do total de respondentes (55%) afirmou que é aquele comprometido com a cidadania e que atenta para a complexidade dos fatos. Além disso, mencionaram que tem papel educativo e transformador, contribuindo para a mobilização social, para mudanças de atitudes e pensamentos. Tais respostas possuem adesão com aquilo que é estudado pelos teóricos da área. Seguem algumas respostas que exemplificam o que foi encontrado:

Respondente 1 - "[...] presta especial atención a la justicia social, al conocimiento científico y al conocimiento tradicional, a las culturas locales, a la conservación de los ecosistemas y los derechos de las generaciones que vendrán."

Respondente 2 - "Se trata de un periodismo que no solo reporta la inmediatez de un fenómeno natural, sino las causas, los daños, la transcendencia y las acciones que realiza el impacto del hombre"

en el entorno natural y este en el hombre.”

Respondente 33- “É a atividade jornalística inter e multidisciplinar, ou seja, produção de informação que encerra múltiplos saberes e não apenas uma instância de saber especializado. O Jornalismo Ambiental tem como característica fundamental a formação da consciência cidadã assentada no direito de todos - inclusive da própria Natureza - às melhores condições de vida possíveis. Tem assim, caráter militante de contra-poder perante o sistema econômico e social vigente.”

A outra parte dos pesquisados percebe o JA a partir do que o grupo entende por Jornalismo de/sobre Meio Ambiente, ou seja, aquele que aborda os temas ambientais de forma menos aprofundada e supostamente imparcial, com uma noção restrita sobre ambiente, pensando especialmente na divulgação dos fatos ambientais. Nesse caso, a disseminação de notícias relativas aos fatos ambientais é o que determina que

os jornalistas percebam que produzam um tipo de jornalismo especializado:

Respondente 4 - “Informar sobre noticias relacionadas con el medio ambiente y su repercusión en la ciudadanía.”

Respondente 35 - “Jornalismo Ambiental é o jornalismo ligado ao meio ambiente e ou à natureza em geral, com o objetivo de promover boas praticas e o respeito pelos diferentes tipos da biodiversidade no planeta.”

Respondente 6 - “Son las herramientas de las ciencias de la comunicación puestas al servicio de la difusión de las problemáticas ambientales.”

O engajamento é percebido em proporção similar ao entendimento do que é o JA pelos respondentes, mas é ainda mais citado. Evidencia-se que o JA não é permeado por imperativos éticos de isenção ou imparcialidade. Ao contrário, ele é comprometido/engajado – constituindo-se até como revolucionário, já que busca a mudança de uma visão de mundo.

Respondente 27 - "O jornalismo ambiental é de causas, é um jornalismo cívico, Logo precisa de repórteres engajados com causas sociais (ambiente) de modo que as peças produzidas sejam de profundidade."

Respondente 38 - "Talvez engajamento não seja bem o termo, mas, acho que é preciso, pelo menos, um posicionamento claro do jornalista. Não se pode esperar bom jornalismo ambiental de um profissional que subscreva teses puramente desenvolvimentistas. A prática do jornalismo ambiental também subentende certos compromissos éticos que, não raro, conflitam com teses excessivamente difundidas dentro da economia especialmente o foco no ganho de curto e médio prazos."

Nesta pergunta observamos uma certa relutância ao uso do termo "engajamento", como expressado pelo respondente 39, que afirmou: "Depende do que se define por engajamento. Se isso o levar a fazer uma cobertura exclusivamente ideológica - ou seja,

adaptando os fatos aos seus conceitos prévios - , [...] o engajamento é prejudicial". Alguns afirmaram ser necessário estar engajado com a prática jornalística, de forma ampla, sendo comprometido e responsável, independentemente da pauta. Notamos que há uma tentativa de evitar dizer que se é engajado para evitar a ideia de ser tendencioso ou ativista de uma causa.

Sobre os desafios enfrentados, as respostas foram bem diversificadas. Para os jornalistas da área os desafios envolvem: interesses empresariais, banalização dos acontecimentos, superficialidade nas coberturas, falta de interesse e de espaço nos veículos, e comprometimento do jornalista. As respostas abaixo apresentam algumas dessas ideias:

Respondente 10- "Contar con presencia diaria en los medios de comunicación y que se considera tan importante como la economía."

Respondente 11 - "Contar con un medio que garantice la independencia del periodista para

preservar su trabajo de la influencia de presiones políticas, económicas y de otra índole que pretendan imponerle condiciones. El rigor y el profesionalismo con que debe actuar el periodista ambiental para darle fundamento y validez a su trabajo."

Respondente 12 - "La disponibilidad de recursos para acudir a los lugares donde se produce la noticia. El profesional debe trasladarse, tomar fotos y contactar fuentes en lugares que son muy lejanos y a veces el medio o el periodista no cuenta con los recursos económicos para hacerlo."

A próxima questão estava associada aos espaços de trabalho do jornalistas ambiental. A pergunta feita foi: "Quais são os espaços para praticar Jornalismo Ambiental no seu país?", Além disso, a discussão sobre a transversalidade da pauta foi posta: "É necessário que haja uma editoria ou cadernos especializados para tratar do tema? Por quê?". Esse é um debate ainda

presente nos estudos, pois ao mesmo tempo em que percebemos que um espaço fixo permite (ou força) a regularidade do tema no veículo, entendemos que as questões ambientais deveriam permear diversas pautas, em espaços diferentes. Ainda que a editoria ou o caderno especializado garanta uma periodicidade das pautas ambientais, para que haja, de fato, uma transformação de perspectiva em relação às questões ambientais, é preciso que os pressupostos que guiam o JA sejam incorporados de forma geral. O JA "[...] deve extravasar o espaço de uma especialidade, tentando ser um aspecto de interesse de todos os setores" (LOOSE, CAMANA e BELMONTE, 2017:14).

A maior parte dos respondentes entende que o JA deve ser abordado em editorias específicas e/ou em veículos especializados. Alguns apontam que isso é uma medida necessária para introdução do tema, como o respondente 43, que diz: "Eu acho que [...] após o surgimento das primeiras editorias de meio ambiente no país, o tema já deveria estar

disseminado em todas as editorias dos veículos". Os jornalistas ainda informam que os espaços são limitados, mas é possível realizar JA em veículos tradicionais. Os respondentes também mencionaram a importância da internet e dos veículos alternativos e independentes para a prática do JA hoje, além de apontarem os espaços escassos nos diferentes países:

Respondente 14 - "Hay pocos espacios en El Salvador para la práctica del Periodismo Ambiental, esto debido a que el tema, pese a su vital importancia, no tiene a merecida atención de los propietarios de los medios de comunicación."

Respondente 40 - "Os veículos de comunicação alternativos, especialmente os meios impressos e on-line, desempenham papel fundamental na prática do jornalismo ambiental, a começar pela amplitude do espaço reservado a essa editoria, o que nos veículos da grande imprensa é sempre um espaço menor e secundário. Devido a interesses econômicos e

ideológicos dos grandes grupos de mídia, a cobertura de meio ambiente é uma tarefa incômoda, evitada ou distorcida, ao passo que para os veículos alternativos torna-se prioritária exatamente por ser uma área de interesse social... Sim, acredito que dada à complexidade do tema e da necessidade de contextualização constante, os veículos devam abrir editorias, cadernos, edições especiais sobre ambiente."

Respondente 10 - "Debería estar presente en todos los medios ya que afecta a todas las personas, al futuro de todos y a muchos ámbitos de la vida: consumo, salud, educación, economía, política, energía, etc. Sin embargo, no cuenta con apenas secciones específicas y es anecdótica su presencia en los medios generalistas, salvo cuando hay catástrofes ambientales o las COPs, por ejemplo."

Outra questão solicitava aos jornalistas sua opinião a respeito do papel dos cursos de Jornalismo para a formação dos profissionais. De forma majoritária, 48 dos 60 respondentes (ou

80% dos respondentes) entendem que o papel dos cursos de Jornalismo é fundamental para formação do jornalista ambiental. Lembramos que, no Brasil, em 2013, as diretrizes curriculares para o Jornalismo deixaram de fazer parte do curso de Comunicação, instituindo aspectos específicos para a formação do jornalista, dentre eles a inserção do desenvolvimento sustentável. Frisamos algumas respostas:

Respondente 1 - "Los cursos de periodismo ambiental son una necesidad básica para lograr la transformación que se necesita en la comunicación de todos nuestros países, de cara a la sostenibilidad, la equidad y la justicia." Su papel es insustituible en la estrategia de construcción de una sociedad sustentable."

Respondente 14 - "Formar conciencia ambiental en el Periodista. Enseñarle a penetrar o crear espacios para el tema ambiental. Enseñarle a REDACTAR con efectividad el tema ambiental."

Respondente 33 - "Eu acredito que antes de mais, é urgente a

mudança cultural nos valores-notícia na formação jornalística. E tal, não deve ser feito apenas em uma disciplina ofertada como "nicho especialista de saber" nas universidades de jornalismo e sim, numa transdisciplinaridade em todas as disciplinas do curso."

Respondente 16 - "Los compañeros que realizan estas descripciones por supuesto desconocen el amplio campo informativo del periodismo ambiental y la transversalidad de su información ya que se puede obtener el ángulo ambiental en cualquier noticia (deportes, economía, moda...)."

Apesar da valorização dos jornalistas da área sobre o ensino, assinalamos que há fragilidades a respeito de como as questões ambientais são abordadas nas universidades, mesmo no Brasil, com a nova legislação que dá ênfase para esse aspecto. Gern (2017), em estudo sobre o ensino do JA no Sul do Brasil, aponta que a maioria das instituições incluiu uma disciplina sobre o tema apenas a partir das exigências

estabelecidas nas novas diretrizes curriculares e que em alguns cursos esta ainda não foi ministrada por estar no final da grade. Além disso, verificou que o interesse dos docentes é fundamental para a oferta de atividades para os acadêmicos, e que “[...] tanto os professores, como os alunos, não enxergam as disciplinas como suficientes para o entendimento sobre o jornalismo ambiental; a maioria dos alunos não se sente preparada para realizar coberturas ambientais fora da universidade” (GERN, 2017:168).

Perguntamos ainda aos jornalistas se eles percebiam algum tipo de preconceito dentro da redação ou outra instituição na qual trabalha, por parte de seus colegas, em razão de seu foco ser o meio ambiente (como ser chamado de ecochato, por exemplo), já que era comum escutarmos de jornalistas que esta especialização era menosprezada frente a outros temas. A grande maioria (66,67%) dos pesquisados informou que não sofre nenhum tipo de preconceito. Muitos relataram que isso pode ter

acontecido por atuarem em veículos especializado ou de forma autônoma ou ainda por se posicionarem em seus locais de trabalho.

Respondente 48 – “Já fui chamada de tudo, de ecochata, defensora das minorias, amante do MST... mas, no fim das contas, as pessoas sempre perceberam que não sou radical e já fui chamada, também, de ecointeligente. Nunca sofri preconceito por ser jornalista ambiental.”

Respondente 1 – “En mi caso, con 33 años de periodista ambiental en el diario más importante de mi país, nunca tuve un trato hostil o de menosprecio. Al contrario, mi trabajo siempre se valoró, al punto de escribir todos estos años en ese prestigioso medio de comunicación, siempre en la página editorial - un verdadero privilegio.”

Contudo, alguns relataram que há sim uma situação desconfortável ou de entendimento de que o JA trabalha com um tipo de assunto de menor interesse, como identificamos nas respostas abaixo:

Respondente 10 – “Entre los compañeros que desconocen la importancia del medio ambiente se considera una especialidad de segunda, y en ocasiones a mi me llamaban ‘la amiga de los pajaritos’.”

Respondente 17 – “[...] generalmente se considera que el periodista ambiental es “activista” y se le coloca una etiqueta de que todo lo ve negativo.”

Respondente 43 - “É uma situação muito comum. Colegas perguntam se você não tem ambição (ou seja, porque não cobre política ou economia), te encaram como um ser meio folclórico. Tenho a impressão, também, que o repórter de meio ambiente é considerado um cara meio inofensivo, que não tem a mesma competitividade e não vai disputar oportunidades e cargos.”

Assim, entendemos que hoje a realidade dos jornalistas que cobrem meio ambiente já está bastante afinada com as discussões teóricas sobre JA. Mesmo que algumas respostas estejam mais afastadas dos aportes do JA,

verifica-se que há um reconhecimento e entendimento por parte dos jornalistas de seu papel social enquanto disseminadores de informações qualificadas sobre o meio ambiente.

Considerações finais

Esta pesquisa permitiu verificar que os debates realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental, a partir dos estudos das coberturas e produtos dedicados ao assunto, também se fazem presentes no dia a dia da maioria dos jornalistas que atuam na área. Há uma compreensão majoritária de que o JA possui especificidades que o diferenciam do jornalista generalista, ainda que muitos profissionais o diferenciem apenas pela especialização temática, concebendo-o, na nossa perspectiva, como Jornalismo sobre Meio Ambiente.

As respostas dos sujeitos pesquisados nos permitem tecer apontamos sobre o Jornalismo Ambiental para além do Brasil, ainda que a maioria das respostas reflitam o cenário nacional.

Apesar das diferenças culturais de cada país, não se notou divergências significativas entre os jornalistas de diferentes nacionalidades. Não foi possível realizar uma comparação entre os países, conforme previsto nos objetivos iniciais da pesquisa, pela pouca representatividade das respostas obtidas.

Identificamos que o conceito de JA já está introjetado em muitos profissionais e que os desafios se apresentam por conta da redução de espaços e dos cortes de ordem econômica pelos quais passam os meios de comunicação. Isso faz com que jornalistas jovens e generalistas ocupem as vagas dos veículos tradicionais por conta dos salários mais baixos.

Também verificamos a valorização dos cursos de Comunicação e Jornalismo que abordam o tema, assim como as dificuldades de se realizar uma cobertura sistemática por conta de questões econômicas. “Os mesmos [problemas] enfrentados por qualquer área jornalística: lobbies políticos e

empresarias”, como sublinha um dos respondentes.

Sobre os espaços dedicados ao JA, encontramos pontos de divergência entre as respostas e a concepção do Grupo de Pesquisa, que entende que o JA não deve estar em uma única editoria, pois sua produção envolve múltiplos saberes e deve estar atenta para a complexidade dos fatos. A maior parte dos pesquisados entende que o JA deve ser abordado em editorias específicas e/ou em veículos especializados. Isso pode ser interpretado como um posicionamento de curto prazo por parte dos jornalistas, enquanto os pesquisadores atentam para uma situação futura.

Constatamos que muitos jornalistas mencionaram a importância do engajamento para a produção de informações qualificadas, de modo que o cidadão possa tomar decisões responsáveis. Apontamos, portanto, uma certa convergência entre a perspectiva do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental e as opiniões dos sujeitos pesquisados, que corresponde a visão de pouco mais

da metade dos respondentes. Isso pode estar associado a maior difusão dos pressupostos do JA, por meio de eventos e publicações, ou em razão da própria formação que os profissionais, mais recentemente, têm oportunidade de acessar, seja no ensino superior, seja em cursos de especialização.

Referências

- BACCHETTA, Victor L. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Victor L. (Coord.). **Ciudadania Planetaria: temas y desafios del periodismo ambiental**. Montevideo: IFEJ, 2000.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo: edição revista e atualizada**. Lisboa: Edições 70, 2014.
- BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, vol. 6, nº 2, 110-125. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>>. Acesso em: 07 fev. 2018.
- FROME, Michael. **Green Ink: Uma Introdução ao Jornalismo Ambiental**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- GERN, Augusta F. **Comunicação e meio ambiente nas salas de aula: um olhar sobre o jornalismo ambiental no ensino superior do sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Curitiba, UFPR: 2017. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47462/R%20-%20D%20-%20AUGUSTA%20FEHRMANN%20GERN.pdf>>. Acesso em 11 fev. 2018.
- GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges; MASSIERER, Carine, LOOSE, Eloisa Beling. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação e Sociedade**, v. 34, n.1, 2012. p. 132-152. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2972/3136>>. Acesso em: 09 fev. 2018.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; CAMANA, Ângela; LOOSE, Eloisa Beling. Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. **InTexto**, v. 34, 2015. p. 362-384. Disponível: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/viewFile/58452/35501>>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- JOHN, Liana. Imprensa, meio ambiente e cidadania, **Ciência e Ambiente**, vol. 1, nº 1, 1990.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo, Editora Cortez, 2001
- LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Angela; BELMONTE, Roberto Villar. A (não) cobertura dos riscos ambientais: debate sobre silenciamentos do jornalismo. **Revista Famecos**, v. 23, nº 3, 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fzva/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/26545/15688>>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. **Revista Ínterin**, v. 22, n. 2, 154-172. Disponível em: <<http://seer.utp.br/index.php/i/article/view/55/507>>. Acesso em: 10 fev. 2018.